

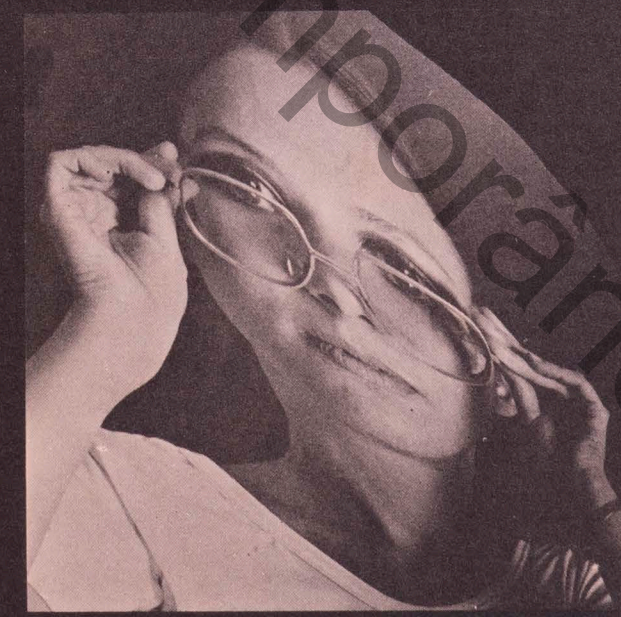
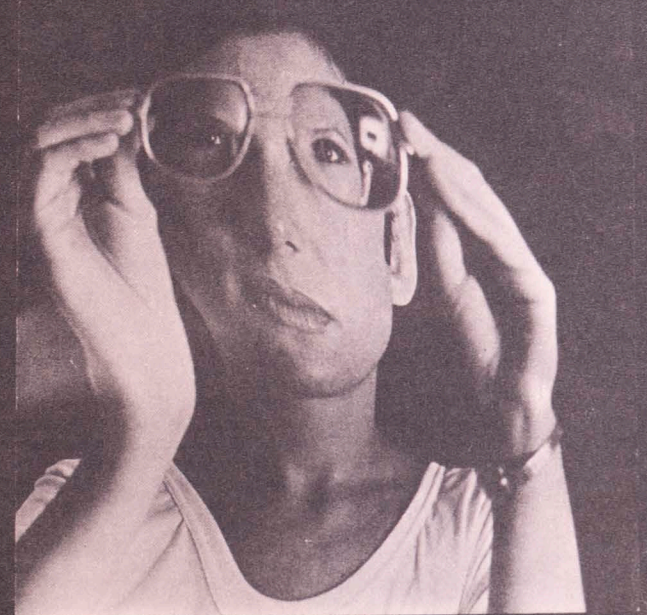
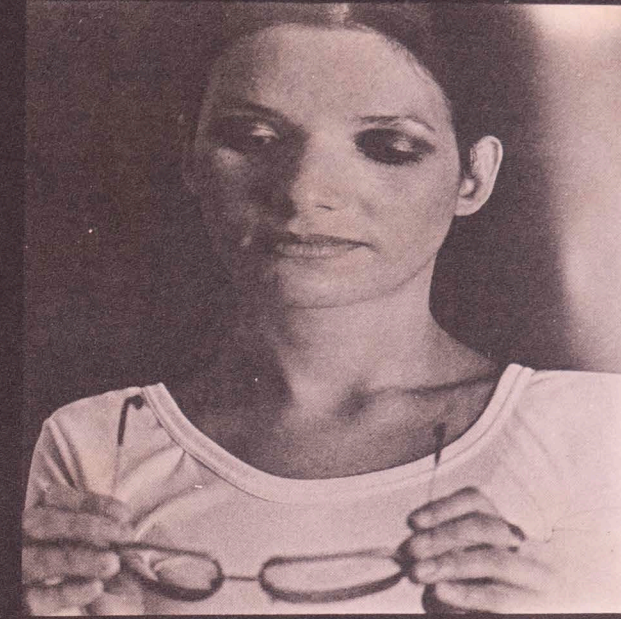
GALERIA
TINA
GLOBAL

1976 • 3

Instituto de arte contemporânea

instituto de arte

Psicofoto auto-registrada, a uma velocidade acima da média



GRETTA

DESENHOS

9 A 26
MARÇO
1976

GALERIA ARTE GLOBAL
AL SANTOS 1893 / SP

BIOGRAFIA

1966-67 — cursa a Escola Pan American de Arte e estuda com Walter Lewy.

1968 — estuda desenho comercial fazendo estágio na MacCann Erickson Publicidade S/A especializando-se em lay-outs.

1969 — trabalha na J.B. Murad criando lay-outs como desenhista.

1971 — organiza uma exposição juntamente com o artista plástico Ricardo Augusto na escola Pequeno Príncipe com: Graciano, Rebolo Nomura, Boese e outros.

1973 — cursa a Escola de Arte Documenta em São Paulo onde expõe, funda o grupo GRAL com atelier na rua Rússia, junto com os artistas Rosa, Astarte e Lya. participa do 1.º salão de Artes Plásticas de Sorocaba recebendo Menção Honrosa "Exposição Ambulante" com duração de um dia com Ivaldo Granato, Lya e Astarte.

1974 — participa do VIII Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul; da Exposição do grupo GRAL na Galeria Documenta; da Exposição sobre Poluição Ambiental e Problemas Ecológicos na Galeria Espade (São Paulo); da 1.ª Semana de Artes Plásticas de Araçatuba com o grupo GRAL; de XXIII Salão Nacional de Arte Moderna (Rio de Janeiro); do V Salão Paulista de Arte Contemporânea; do VII Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba; de coletiva na Galeria Sobrado (S. Paulo); coletiva na Galeria Espade (S. Paulo); de coletiva na Galeria Tipiti (S. Paulo); de coletiva na Petite Galerie (Rio e S. Paulo); expõe individualmente na Petite Galerie do Rio de Janeiro.

1974-75 — inicia-se em gravura em metal sob a orientação de Savério Castellano e Mario Gruber.

1975 — especializa-se em ponta seca — gravura em metal, editando suas próprias gravuras.

participa de várias coletivas: Galeria da Praça (Rio de Janeiro), Galeria Eróticos (S. Paulo), exposição de gravuras na Galeria Ruletex (S. Paulo), VIII Salão de Arte Contemporânea de Santo André, Galeria Ilha Bela, II Coletiva de Galerias na "A Hebraica", Galeria de Arte Bonfiglioli (S. Paulo) VIII Salão de Arte Contemporânea de S. Caetano do Sul (exposição de gravuras), IV Encontro Jundiaense de Arte, Clube dos Artistas e Amigos da Arte, XIII Bienal Internacional (S. Paulo), VI Salão Paulista de Arte Contemporânea, VII Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte, Exposição de Gravuras para o dia da Ciência e da Cultura dos artistas da Evoluart na Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo. a convite do Gian e da Beit Chabad realiza 2 séries de reproduções baseadas em dois desenhos, a primeira com edição de 10.000 cartões e a segunda com 30.000 posters.

de 27 a 29 de junho participa da Festa da Vila na Feira de Vila Madalena, participou da coletiva junto com Claudio Tozzi, Carlos Takaoka e outros. realiza pesquisas em laboratórios de fotografia — "Claudio Tozzi e Julio Abe Wakahara Assessoria Comunicação Visual" criando linguagem pessoal através de deformações obtidas na revelação.

faz viagem a Europa para contatar com o crítico Egídio Álvaro diretor da Revista "Artes Plásticas" de Portugal, com quem deixou programada várias individuais na Europa.

1976 — participa de coletiva na Petite Galerie do Rio de Janeiro.

APRESENTAÇÃO

GRETTA: UMA ASCENSÃO
RAPIDÍSSIMA ATÉ A PSICOFOTO.
OU PSICOPINTURA.

Gretta vive como trabalha: agitada, efervescendo. Não admitindo nenhuma interrupção nos seus projetos, nas suas idéias, nas suas realizações como mulher e como artista.

O rosto delicado, o corpo frágil escondem — com muita graça — uma mulher vulcão que sabe o que quer. A fragilidade do corpo não revela também a mãe de três filhos, dois dos quais já grandes, ela que ainda tem o rosto de uma adolescente. Ninguém se iluda com a aparência exterior dessa mulher grega de nascimento, que adorava brincar, quando menina, nas ruínas da Acrópole, em Atenas, onde nasceu.

Ali mesmo ela já era inquieta, observadora. Um vulcão. A energia só ficou em repouso quando ela veio ao Brasil com sete anos de idade: estranhou, claro, o mundo novo. Na sua aparente fragilidade ela estava apenas preparando o bote seguinte, carregado de emoção. Foi aí, com sete anos de idade, que descobriu no rosto de suas colegas de classe, que ela era uma retratista. Fez retratos de todas elas e não repetiu nenhuma solução. Conservou, apenas, a marca do seu traço.

Depois disso, uma surpresa. Inevitável para quem quer encontrar as coisas com muita pressa: Gretta "devora" revistas e não hesita em copiar um rosto, depois outro, mais outro, entre os muitos que ela encontra nas páginas das revistas brasileiras. Surge aí, uma fase acadêmica,

certinha, bem comportada. Era apenas um exercício formal, um jeito para dominar um traço e o corpo humano. Um desses quadros garanto e afirmo (mesmo sem conhecê-lo já é histórico na carreira dessa mulher que, vive como desenha. Diz Gretta, para quem quiser saber, que o quadro está no Rio de Janeiro, na coleção particular de seu amigo Carlos Alberto Vieira, um economista.

A fase seguinte foi a das escolas: Pan Americana, FAAP, Documenta. Também e ainda, a experiência como publicitária. Hoje, sem rancor ela admite e confessa:

— Ninguém é autodidata completamente. Isso não existe. E nem seria possível, tal a carga de informação que todos nós recebemos. Mesmo sem querer. O artista que diz que parte do nada está mentindo. O que eu aprendi nas escolas por onde passei? Muito pouco. Eu nunca me adaptei ao estilo muito acadêmico das escolas e do ensino de arte no Brasil. Com dois artistas e também ex-professores (Walter Lewy e Ivaldo Granato) aprendi alguma coisa. Com o primeiro, a ter uma certa disciplina e com o segundo a soltar as idéias.

Walter Lewy não marcou em nada a obra de Gretta que está muito mais ligada ao Expressionismo do que ao Surrealismo. Granato, talvez por causa de sua rebeldia como homem e como artista, de sua inquietação e vontade de arrebentar o mundo, foi o que mais marcou uma certa fase do trabalho de Gretta.

Gretta, inteligentíssima, deu outro bote: fundou (ou participou) do grupo GRAL (formado pelas letras iniciais de seu nome, de Rosa, Astarte e Lya e com elas fez uma coletiva na Galeria Documenta. Naquela época, ninguém

(principalmente os críticos não comprometidos e os mais lúcidos) ficou indiferente ao trabalho de Gretta. O grupo logo se desfez e, do convívio, Gretta confessa uma lição que ela aprendeu: "Comecei a discutir e entender melhor a Arte Brasileira, suas origens e objetivos. Comecei a me tornar profissional". Quando percebeu que sua obra estava muito ligada à de Flávio de Carvalho, Wesley Duke Lee, Barrio e Ivaldo Granato, Gretta mudou. Foi uma mudança romântica (aconteceu ou começou num parque arborizado) e mística (um médium descobriu no seu trabalho a aura que envolve o corpo humano). Surgia, para Gretta, a Psicopintura.

Tudo começou na Praça Buenos Aires, entre pássaros e plantas um passeio da mãe com seus filhos. Surgiu Celso (Gretta não sabe o sobrenome dele) um fotógrafo convencional, desses que ficam à espera de crianças-clientes. Fotografou Gretta e uma luz "estranha" surgiu entre seus olhos, indo da boca até a testa. O que era aquilo? Gretta gostou do resultado; Celso não. Ele preferiu entregar o rosto distorcido, um trabalho de laboratório. Gretta foi para casa, esqueceu tudo o que havia aprendido e sem nunca entrar num laboratório fotográfico desvendou todos os seus segredos.

O trabalho atual de Gretta, avassalador, fortíssimo e maravilhoso só será mostrado parcialmente nesta exposição individual que ela realiza (março/76) na Arte Global, que preferiu expor sua fase (não existe palavra melhor, infelizmente) anterior, o traço nervoso carregado de turbulência. Violento e violentado por Gretta; uma mulher que vive como trabalha.

A psicopintura continuará sendo feita a partir de fotografias que Gretta tira de seu rosto e de seu marido. E depois distorce com papel molhado nas mãos enquanto a imagem se fixa primeiro no papel e a seguir na obra definitiva.

Uma saída (extremamente pessoal) para o Ultra-Realismo? Uma versão particular daquilo que poderia ser chamado, apressadamente, Psicofoto? É difícil prever. Afinal, ninguém conhece — nem mesmo os geólogos — as **manias de um vulcão**.

Como já havia previsto anteriormente em seu catálogo da exposição na Galeria Documenta (São Paulo) volto a afirmar, eufórico e seguro, que enquanto Gretta viver (e enquanto permitirem) ela **não** deixará de criar. Um verbo pouco conjugado atualmente pelos artistas brasileiros, principalmente aqueles ditos “famosos” que ainda preferem ser um arremedo da arte européia ou norte-americana, fazendo cópias — por exemplo — de Jagoda Buic ou Albers. Algumas pessoas vivem me perguntando o que seria hoje **Arte Brasileira**. Tenho milhares de exemplos, mas dou três: Aritana, o cacique do Xingu que expôs na XIII Bienal de São Paulo; mestre Dèzinho o escultor do Piauí. E Gretta, a mulher de Atenas, que **descobriu** o **Psicodesenho** (mais um rótulo, porque não?) numa Praça chamada Buenos Aires, em pleno centro de São Paulo.

Olney Krüse
São Paulo, 4/2/1976

De repente, o contexto das artes visuais brasileiras recebe um impacto. Um impacto que, pelas suas dimensões, vigor e, acima de tudo, expressividade plástica, surpreende pela quantidade de apções que sugere. O trabalho de Gretta vai além da simples constatação de que estamos diante de uma artista. Com a ousadia de suas propostas, com a contemporaneidade de suas tendências, com a integração ao cotidiano, Gretta é uma artista como poucos no Brasil, que se preocupa com a universalidade da arte, com os reflexos que esta, pela própria condição de indicadora veemente de situações sociais e mesmo psíquicas, tem no desenvolvimento da civilização e no aperfeiçoamento da humanidade. Já em sua fase anterior — a primeira, melhor dizendo —, Gretta traçou com riscos rápidos, nervosos, insinuantes, um quadro avassalador de certos ambientes gerados e deformados pela ambiguidade, fraqueza e falta de senso do ridículo da condição humana. Eram retratos maldosos até, mas que revelavam uma sensibilidade aguçada, batida por requintes de finura e sofisticação.

Agora, um passo adiante. Um passo que nada mais é que o prolongamento do anterior e que se situa quase num ponto de ruptura com seu próprio trabalho para se lançar na mais desafiadora vanguarda, uma vanguarda que está além da simples experiência inconsequente fazendo do deboche e da zombaria instrumentos de conscientização. E é esta a razão que nos leva a concluir: Gretta mantém-se fiel às intenções da sua fase anterior. O que são estas telas senão tentativas de interpretar a condição humana, aproximando-a da realidade e, por meio do ridículo, livrando-a do ridículo. Um trabalho que, sem dúvida, pela sua dimensão e expressão, servirá de referência a muitos outros que serão desenvolvidos no Brasil.

Adilson Mion

DEPOIMENTOS

Gretta
por
Egídio Álvaro

O que me parece mais extraordinário, naquilo que conheço da atual vanguarda brasileira, é a similitude de pesquisas e a convergência de idéias com a vanguarda européia, e isto apesar do mútuo desconhecimento, ou do conhecimento superficial das características essenciais das duas culturas em mutação.

A dissemelhança, para mim, situa-se numa charneira sutil e difícil: enquanto a vanguarda européia oscila entre a serenidade e a obsessão, a vanguarda brasileira, mais imbricada num processo socio-político que a interessou desde sempre e no qual se inscreve naturalmente, orienta-se para uma violência mal contida e funcional e para uma análise permanente da realidade. A diferença é, contudo, muito sutil, e só uma observação atenta e interessada a poderá revelar plenamente.

Assim é que, enquanto na Europa noções como ritual dessacralizante, niilismo, festa barroca, jogo gratuito, masoquismo, provocação artificial, vontade de inserção na história da arte, são correntes e explicam o sentido do trabalho de inúmeros artistas importantes, no Brasil tais noções só marginalmente se aplicam aos trabalhos dos artistas mais significativos.

Assim é, também, que quando vi o trabalho recente de Gretta não pude me impedir de pensar nas pesquisas da Escola de Viena, e particularmente de A. Rainer, tal como foram apresentadas na última Documenta de Kassel. Mas logo as diferenças apareceram. Enquanto Rainer utiliza fotografias do seu corpo ou do seu rosto

para as mutilar a golpes de pintura e de escorrimento de cores, Gretta prefere a deformação significativa. Enquanto Rainer se compraz numa certa contemplação beata de efeitos corporais e artísticos, Gretta não dissimula as conotações sociais e psíquicas contidas na sua imagem. A modificação do rosto e a consecutiva deformação servem-lhe para abordar o plano delicado da solidão, da comunicação fragmentária, do medo generalizado que as pessoas têm de assumir seu próprio corpo, sua diferença, sua originalidade. Também aqui seria útil comparar este trabalho com o da brasileira Lygia Pape (Linguas Quentes) para sublinhar a distância que as separa. Numa, a crítica social, a constatação amarga são evidentes. Noutra são sobretudo os elementos pessoais que contam. O que só vem enriquecer, evidentemente, a diversidade dinâmica das proposições da vanguarda brasileira. Para terminar gostaria de insistir sobre um dado presente na obra de Gretta que só quando focalizado ganha o relevo que merece; trata-se da cor, da pintura. Não há dúvida que Gretta se serve da fotografia para obter um impacto imediato e forte, para facilitar uma leitura aberta e generalizada. Mas, para lá da fotografia, há a pintura. E pintura significa distância, supõe todo um processo de análise e crítica sobre a imagem que a fotografia só por si não pode assumir.

Difícil, a obra de Gretta? Sem dúvida! Mas importante, no seu desejo de não fugir a contradições nem recusar o peso do isolamento. Importante no seu projeto de colar ao real.

Paris, janeiro de 1976
Egídio Álvaro

Fragmento da apresentação feita por Olívio Tavares de Araujo para o catálogo da exposição individual realizada na Petite Galerie-Rio de Janeiro em outubro de 1974.
“Lembro uma conhecida “boutade” de Bernard Shaw quanto a ser o gênio 10 por cento de inspiração e 90 por cento de transpiração. Não me engano, creio, ao afirmar que Gretta — eliminada da discussão a antipática palavra gênio — tem mais que os 10 por cento de talento requeridos pelo dramaturgo inglês, e se mostra disposta ao mais rigoroso trabalho. E isso permite antecipar-lhe uma bem-sucedida carreira na arte brasileira.”

Olívio Tavares de Araujo

Gretta se caracteriza pela sua linguagem nervosa, — pelo seu grafismo de grande sensibilidade. Nos seus belos desenhos, e gravuras ela sente profundamente a miséria humana em todas as suas distorções. O que me toca, é que esta artista sabe apresentar o Drama da Humanidade e sabe ao mesmo tempo fazer uma sátira dos fantasmas da Sociedade que estão ao redor dela. Gretta é uma artista de grande talento, e absoluta autenticidade.

Lisetta Levi
1975

CATÁLOGO

Série "Transformações": 8 desenhos
grafite sobre papel Cr\$ 2.300,00 cada

Série "Metamorfose": técnica mixta:

Metamorfose 1	Cr\$ 3.600,00
" 2	"
" 3	Cr\$ 2.300,00
" 4	Cr\$ 3.600,00
" 5	"
" 6	"
" 7	Cr\$ 2.300,00
" 8	"
" 9	"
" 10	"
" 11	"
" 12	"
" 13	"
" 14	"
" 15	"
" 16	"
" 17	"
" 18	"
" 19	Cr\$ 3.600,00
" 20	"
" 21	"
" 22	"
" 23	"

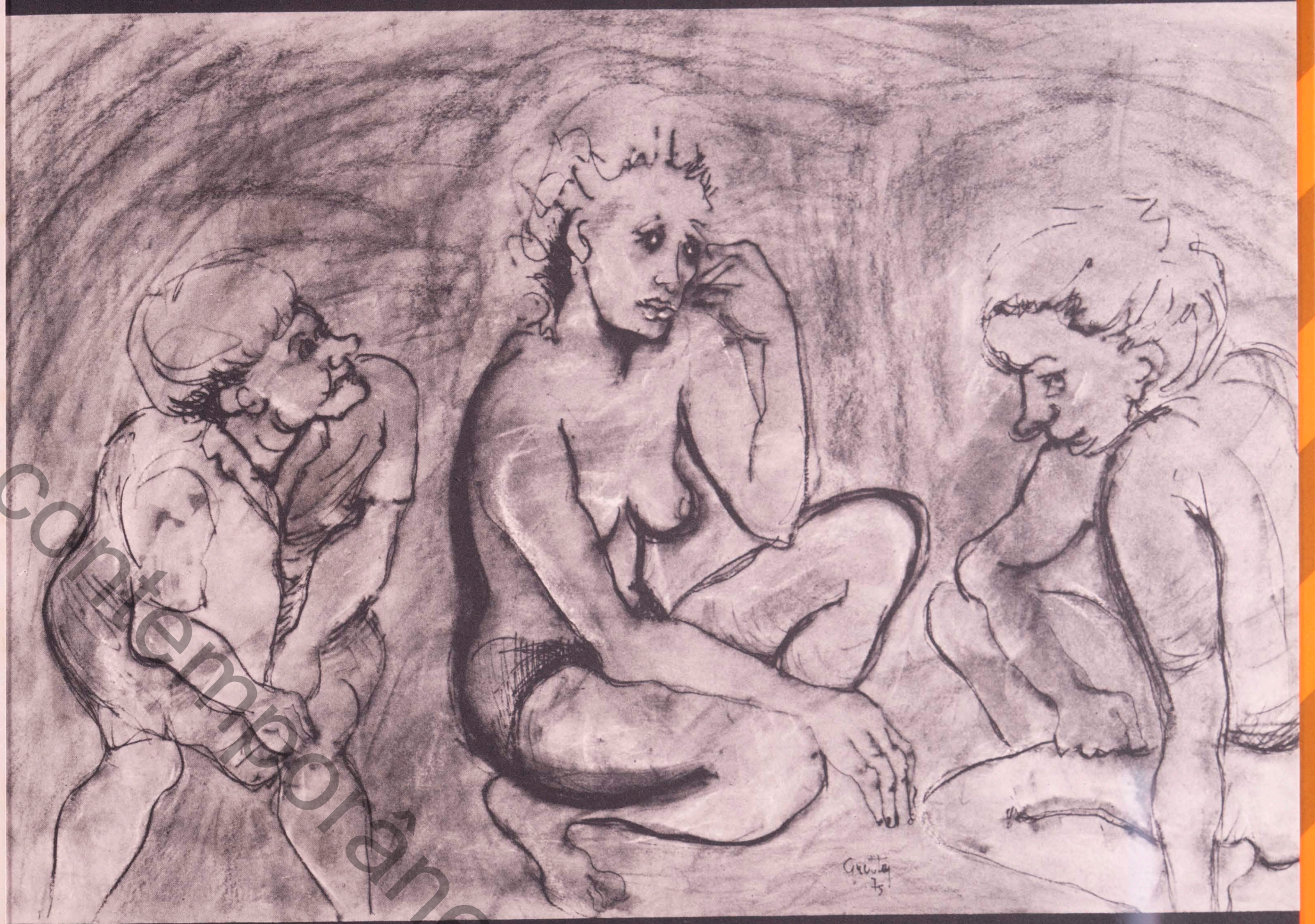
Instituto de arte contemporânea

Metamorphose



instituto de arte

Série "metamorfose" / técnica mixta
100x70 cm / 1975



Contemporânea

Série "metamorfose" / técnica mixta / 1975



Série "metamorfose" / técnica mixta / 1975



Série "metamorfoze" / técnica mixta
50x70 cm / 1975



Série "metamorfoze" / técnica mixta / 1975



Edição
Galeria Arte Global
Alameda Santos 1893/SP

Direção
Franco Terranova

Direção Executiva
Raquel Arnaud Babenco

Programação Visual
Fernando Lemos

Gráfica Impressores/SP

Fotografia
Romulo Fialdini

instituto de arte
contemporânea

instituto de arte contemporânea